

RESENHA

GRAZIOSI, Barbara. *Os deuses do Olimpo: Da Antiguidade aos dias de hoje, as transformações dos deuses gregos ao longo da história*. Trad. de Claudia Gerpe Duarte e Eduardo Gerpe Duarte. São Paulo: Cultrix, 2016, 294p. ISBN 978-85-316-1348-7.¹

Camila Aline Zanon²

É digna de elogio a iniciativa da editora Cultrix em publicar a tradução do livro de Barbara Graziosi, pesquisadora e professora da Universidade de Durham. Tendo lido a obra de Graziosi em sua publicação original em inglês, deparei com uma boa tradução para a língua portuguesa, com alguns deslizes em sua maioria perdoáveis a quem não se dedica aos Estudos Clássicos.³

O livro de Graziosi, de acordo com o que é explicitado pelo subtítulo, narra a história dos deuses do Olimpo desde seu nascimento, que a autora localiza na Grécia Arcaica com Hesíodo e Homero, até os dias de hoje, embora os dois últimos capítulos se dediquem ao Renascimento e ao período da chegada dos europeus às Américas, ficando para o epílogo a história dos deuses desde então. Essa escolha de dedicar a última parte do livro ao Renascimento talvez decorra de que a nossa concepção e o nosso entendimento dessas divindades sejam mais um produto de tal período do que um que tenha viajado sem escalas da Antiguidade até a Modernidade. Talvez, ainda, em razão dessa grande “escala” no Renascimento é que os deuses do Olimpo se apresentam para nós mais civilizados do que realmente poderiam ter sido, um aspecto do qual Graziosi se aproveita oportunamente para abrir seu livro (p. 9): “Este livro trata da história dos deuses do Olimpo – os mais incivilizados embaixadores da civilização clássica.”.

¹ Tradução de *Gods of Olympus: A history*. London: Profile Books, 2014.

² Doutora em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo e integrante do Laboratório de Estudos do Império Romano e Mediterrâneo Antigo (LEIR-MA/USP).

³ Como exemplos: à p.22, o termo *parthenos* (“virgem”) é tomado como masculino (“outro *parthenos*”), embora deva ser tomado no feminino (“outra *parthenos*”); o mesmo ocorre com *hybris* (“excesso”) à p.97. Há, contudo, alguns equívocos menos perdoáveis: à p.14 a tradução dá a entender que Ártemis e Apolo são irmãos de Posêidon e de Zeus, enquanto na verdade são filhos deste último; à p.45, onde está “fenícios” deve-se ler “feácios”; à p.47 onde está “a poesia de Heródoto” deve-se ler “a poesia de Homero”. Quanto às escolhas de nomes próprios, eu, particularmente, teria preferido “Dioniso” em lugar de “Dionísio”, “Monte Hélicon” em vez de “Monte Helicão”, “Praxíteles” em vez de “Praxiteles” (sem acento) e “Páris” em vez de “Paris” (sem acento).

Organizada cronologicamente, a obra é dividida em seis partes principais, precedidas por um prefácio e por uma introdução e seguidas de um epílogo, um apêndice, lista de ilustrações – coloridas e em preto e branco –, sugestões de leitura adicional e notas – que funcionam como um bom complemento aos capítulos – e, por fim, uma seção de agradecimentos. As seis partes principais do livro correspondem, cada uma, ao período da história que será tratado, sendo cada parte dividida em três capítulos, que também obedecem a uma ordem cronológica.

A Introdução, que recebe o título de “Retrato de família”, apresenta os deuses do Olimpo como membros de uma família bastante mundana, com o friso do Partenon tratado como um retrato de família (cuja reprodução esquemática se encontra à p.15). É possível detectar já na Introdução o esforço da autora em se fazer entender a um público leigo sem abandonar a precisão das informações e a apreciação crítica da bibliografia, elementos fundamentais para os leitores especializados.

A primeira parte do livro é dedicada ao “nascimento” dos deuses na Grécia Arcaica, conforme dito anteriormente, tendo Homero e Hesíodo como as autoridades no assunto para os dois primeiros capítulos dos três que compõem esta parte. O terceiro capítulo dedica-se a explorar as críticas tecidas principalmente por Xenófanes de Colofão à concepção um tanto antropomórfica dos deuses, tal como Homero e Hesíodo os apresentaram em seus poemas.

Na segunda parte, Graziosi se detém na Atenas Clássica. É interessante destacar como a autora costura, nesta parte como um todo, o papel dos deuses e o elemento da guerra contra os persas, cumprindo um papel agregador das comunidades do Peloponeso que se uniram para combater a ameaça persa. Em uma narrativa que se inicia com a criação da Liga de Delos sob os auspícios de Apolo, passando pela condenação de Sócrates por introduzir novos deuses, essa parte termina com Aristóteles e sua concepção de que os deuses “não figuravam nos escritos propriamente ditos da história (Tucídides estabeleceu isso), tampouco nas ficções plausíveis que imitavam a vida real. Eles eram fantásticos.” (p.99).

A terceira parte lida com as conquistas e viagens de Alexandre, o Grande, destacando-se o Egito Helenístico. Sob o império de Alexandre, os deuses do Olimpo, como que seguindo os passos do imperador, empreenderam

longas viagens e se estabeleceram em lugares que estavam muito além da bacia do Mediterrâneo, como a região na qual atualmente se encontra o Punjab oriental, onde Alexandre mandara erigir o altar aos doze deuses do Olimpo antes de empreender a jornada de volta. Novamente, nesta parte como no restante do livro, Graziosi imiscui a narrativa histórica do período em questão com a respectiva concepção dos deuses do Olimpo, estabelecendo uma dinâmica que torna a leitura muito agradável. No último capítulo desta parte, a autora engaja na exposição da importância de Alexandria, com sua biblioteca que abrigava editores dos textos de Homero e Hesíodo e poetas que retomaram os deuses em sua poesia, como Calímaco e Apolônio.

Ao fim da terceira parte, chega-se à metade do livro. A segunda metade dele cobre todo o Império Romano, o Cristianismo e Islamismo e a Renascença. Começando com o Império Romano (parte IV), a perspectiva é de que a transferência ou “translação” dos deuses gregos para Roma era, na verdade, parte de um processo mais abrangente de assimilação cultural. Graziosi não cai no lugar-comum de considerar os deuses romanos meras cópias dos deuses gregos e assinala com lucidez algumas das diferenças de perspectiva em relação ao mundo divino que tinham os romanos em relação aos gregos. No capítulo 11, ela explora o modo como as divindades estão imbricadas na história política de Roma, com César alardeando sua descendência de Vênus, Pompeu se intitulado o novo Alexandre, que já havia se declarado de ascendência divina, e Marco Antônio, que se vestia (ou melhor, se despia) como Hércules a fim de sugerir certa relação familiar. É também nessa parte que autora expõe a apropriação das divindades olímpicas por parte de Virgílio, em seu poema épico *Eneida*, e das narrativas dos mitos gregos por parte de Ovídio, em seu *Metamorfoses*.

Na penúltima parte (V), Graziosi oferece um bom panorama da crítica aos deuses do Olimpo nos primeiros anos do cristianismo: a demasiada humanidade (capítulo 12), o processo de demonização (capítulo 13) e o tratamento que receberam do Império Romano do Oriente bem como do mundo árabe cristão e muçulmano, este último uma rara contribuição, já que poucos autores se preocupam em inseri-lo em sua narrativa sobre os deuses olímpicos.

Na última parte (VI), tem-se a impressão de que a Renascença se torna o tempo de renascimento dos próprios deuses olímpicos, embora a autora

critique essa noção no início do epílogo (cf. p.249 e nota 5 abaixo). Nos séculos XIV e XV, os deuses teriam sido ressuscitados pelos eruditos e artistas: primeiro como alegorias cristãs em Dante e Bocage e, depois, tendo abandonado “sua roupagem medieval”, como imagens no palácio do rei africano Sifax no poema *África* de Petrarca. Ganhando terreno ao longo de toda a Renascença, os deuses se tornaram inclusive inspiração para fantasias de Carnaval e carros alegóricos. No capítulo 17, Graziosi traz uma série de informações relacionadas aos deuses do Olimpo durante a Renascença italiana e grande parte dele tem como fio condutor a construção do Templo de Malatesta,⁴ ponto de referência para esse período da história italiana.⁵ No último capítulo (18), a autora aponta como os europeus identificaram aspectos do mundo antigo nas Américas, em que mitos indígenas foram relacionados com mitos gregos e romanos: ela oferece o exemplo do jesuíta Lafitau que, no início do século XVIII, identificou a ilha do mito das origens do povo iroquês com Delos.

No epílogo, Graziosi passa rapidamente pelos séculos posteriores, mencionando os grandes nomes que se dedicaram em alguma medida a refletir sobre os deuses do Olimpo. Graziosi começa muito bem este último capítulo ao declarar que (p.249):

Os deuses do Olimpo não desapareceram depois da Renascença. [...] A noção popular de que eles morreram no final da Antiguidade e depois renasceram, anunciando a chegada da modernidade, é uma ficção bastante flagrante: a história não funciona dessa maneira e, na verdade, não pode, de modo nenhum, ser impecavelmente condicionada em períodos. Os antigos deuses sobreviveram, reinventando-se conforme exigido pelas circunstâncias. Ainda assim, não é por acaso que suas diferentes manifestações se encaixem nas divisões convencionais que os acadêmicos usam para acondicionar a História: esses períodos foram definidos, pelo menos em parte, pelo seu relacionamento com a civilização clássica.

Sob esse aspecto, Graziosi mostra que Aristóteles e Tucídides não podiam estar mais errados: os deuses figuram, sim, na história e também ajudam a moldá-la.

⁴ Grafado erroneamente “Tempio Malatestiano” em lugar de “Tempio Malatestiano” à p.229.

⁵ Acredito que a riqueza de informações nesse capítulo se deva em grande parte à origem italiana de Graziosi.